



ALICENEWS.CES.UC.PT

INSURGENT AND INTERCULTURAL CONTENT
IN ENGLISH, PORTUGUÉS Y ESPAÑOL

#56

2023-11-27

ISSN 2795-515X



pt Reflexão Anti-Colonialismo

Carta aberta: Solidariedade com o povo palestino significa o boicote a Israel

AN Original

Nós, um grupo de doutorandxs do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra (UC), expressamos a nossa solidariedade com o povo palestino e com a sua luta pela libertação da Palestina. Por isso: 1)(...)

Por Estudantes por Justiça na Palestina



pt Reflexão Anti-Colonialismo

Palestina, outubro, 2023: versão de um poema da Rafeef

AN Original

Palestina, outubro, 2023, corpos, ?não tenho confiança nos números que as/os palestinianas/os estão a apresentar?, corpos, ?terroristas?, corpos e mais corpos, ?não é altura para um cessar-fogo?,(...)

Por Bruno Costa, Rafeef Ziadah



pt Reflexão Anti-Colonialismo

Falar com quem e sobre o quê? Ghassan Kanafani entrevistado por Richard Carleton, ABC News Austrália (1970)

AN Original

Em 1970, a partir do seu exílio em Beirute, Ghassan Kanafani ? uma das lideranças da FPLP (Frente Popular Para a Libertação da Palestina, 1967), partido político integrante da OLP (Organização Para a(...))

Por Bruno Costa



pt Notícias Anti-Capitalismo Anti-Colonialismo

A cidade desigual

AN Original

A cidade é o local onde ocorre as trocas sociais, comerciais e culturais. É por isso o lugar da mistura, espaço por excelência da chamada "questão social". Nesse cenário marcado por relações diretas entre(...)

Por Rafael dos Santos da Silva



en Reflection Anti-Heteropatriarchy Anti-Colonialism

Identity and the role of female populist leaders in modulating narrative emotions

AN Original - UNPOP Series

?I believe we are the only party in Germany who is really fighting for women's rights ?? (Alice Weidel, Germany) ??in favor of the natural family and against the gay lobby? (Giorgia Meloni,...)

By Maria Izabel Braga Weber, Débora Boa Morte, Carolina Branco



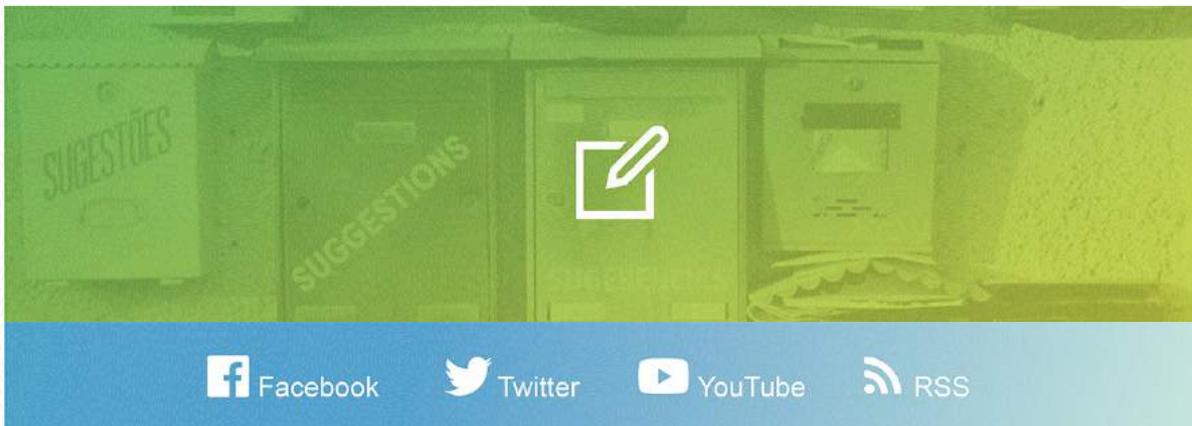
pt Reflexão Anti-Colonialismo Anti-Capitalismo

Not a Number: Mahmoud Alnaouq

AN Original

Os palestinianos estão a ser sujeitos a uma violência genocida. E todos estamos a ver.

Por Daniela Jorge



Centro de Estudos Sociais Tel +351 239 855 570
Colégio de S. Jerónimo Fax +351 239 855 589
Apartado 3087
3000-995 Coimbra, Portugal alicenews@ces.uc.pt



Conteúdos originais licenciados CC BY-SA 4.0 | conteúdos não identificados como originais licenciados de acordo com a fonte.
Contentos originales licencia CC BY-SA 4.0 | contenidos no identificados como originais licenciados según la fuente.



pt Reflexão Original Anti-Colonialismo

Carta aberta: Solidariedade com o povo palestino significa o boicote a Israel

AN Original

2023-11-25

Por Estudantes por Justiça na Palestina

Nós, um grupo de doutorandxs do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra (UC), expressamos a nossa solidariedade com o povo palestino e com a sua luta pela libertação da Palestina. Por isso: 1) recusamo-nos a compactuar silenciosamente com o genocídio em curso na Palestina, parte do projeto colonial de povoamento sionista que se arrasta há mais de 75 anos e de um projeto imperialista para a região com mais de um século -primeiro britânico e, depois, estadunidense; 2) alertamos que, como em outras lutas travadas por populações sujeitas a violência colonial, todos os caminhos de resistência do povo palestino, têm sido, desde há mais de 75 anos e sem exceção criminalizados; e 3) recusamo-nos a aceitar o status quo insuportável de despossessão, ocupação, opressão, segregação, exploração, extração, morte, mutilação, etc. anterior ao dia 7 de outubro de 2023, como um de paz, ou como um pacificado.

Exigimos, por isso: 1) o cessar-fogo imediato, que apenas será conseguido através da mobilização global de pressão e sanções sobre o Estado de Israel; 2) a construção de caminhos reais para a paz, justiça, libertação e descolonização da Palestina, caminhos esses traçados pelxs palestinianxs; e 3) o fim imediato do apoio diplomático e material ao regime colonial, de ocupação e apartheid israelita, extensível a todos os regimes coloniais, de ocupação e apartheid.

Nesse sentido, apelamos ao CES e à UC que integrem estas palavras como parte da sua política institucional e também a estudantes, investigadorxs, professorxs e outrxs funcionárixs que subscrevam connosco o apelo global lançado pela plataforma BDS ([Boicote, Desinvestimento e Sanções](#)) e que recusem assim todas as formas de colaboração (incluindo financiamento com instituições de ensino superior israelitas).

Uma esperança inabalável marca a nossa solidariedade com o povo palestino e com todos os povos oprimidos e, por isso, aguardamos que outrxs estudantes, de outros departamentos e de outras universidades, se juntem a este apelo e iniciem um caminho de pressão sobre as suas instituições de acolhimento. Caminhamos juntxs!

Estudantes por Justiça na Palestina, CES

EJPces@gmail.com

@EJP_ces

Call for the University Community to Stand in Solidarity with Palestine and to Boycott Israeli Institutions

We, a group of doctoral students from the Centre for Social Studies (CES) at the University of Coimbra (UC), express our solidarity with the Palestinian people and their struggle for the liberation of Palestine. To this end: 1) we refuse to remain silent during the ongoing genocide in Palestine as part of 75+ years of Zionist colonial rule, an inherited project of over a century of regional European and US imperialism; 2) akin to other struggles of those subjected to colonial violence, we wish to underline how all forms of Palestinian resistance, without exception, have been criminalized for more than 75 years; and 3) we refuse to accept the abhorrent status quo of dispossession, occupation, oppression, segregation, exploitation, extraction, death, maiming, etc. that has been taking place well before October 7th 2023, delusionally referred to as times of peace, or rather pacification.

Therefore, we demand: 1) an immediate ceasefire which can only be achieved via the mobilization of global pressure on and sanctions against Israel; 2) the creation of real paths toward peace, justice, liberation and decolonization of Palestine, paths determined by Palestinians; and 3) the immediate end to diplomatic and material support to the Israel colonial regime of occupation and apartheid, applicable to all other colonial regimes of occupation and apartheid.

To this end, we urge CES and the UC to make these words their own and integrate these principles as part of institutional practice. In addition, we ask the university community to adhere to the global call to boycott all forms of collaboration with Israeli institutions, as per the BDS Movement ([Boycott, Divestment and Sanctions](#)).

Our unwavering hope underpins our solidarity with the Palestinian people and with all oppressed people, such that, we invite students, faculty and staff from other departments and universities to echo our call for justice in Palestine and forge paths to create pressure in your host institutions. Together towards a Free Palestine!

Estudantes por Justiça na Palestina, CES

EJPces@gmail.com

@EJP_ces



Conteúdos originais licenciados CC BY-SA 4.0 | conteúdos não identificado como original licenciados de acordo com a fonte.

Contenidos originales licencia CC BY-SA 4.0 | contenidos no identificado como original licenciados según la fuente.
Original contents licesed CC BY-SA 4.0 | contents not identified as original licensed according to the source.



pt Reflexão Original Anti-Colonialismo

Palestina, outubro, 2023: versão de um poema da Rafeef

AN Original

2023-11-17

Por Bruno Costa, Rafeef Ziadah

Palestina, outubro, 2023, corpos, “não tenho confiança nos números que as/os palestinianas/os estão a apresentar”, corpos, “terroristas”, corpos e mais corpos, “não é altura para um cessar-fogo”, números, “animais”, estatísticas, resoluções da ONU, direito internacional, “libertem o inferno!”, direitos humanos, “façam tudo o que for necessário”, especialista nisto, “não condena o Hamas?”, especialista naquilo, “direito de se defender” e um genocídio em curso, “Gaza não voltará a ser o que era antes. Vamos eliminar tudo”, tudo transmitido em direto em todo o mundo, todos vemos e ninguém quer ver, talvez, daqui a 40 anos, com a devida distância, com os corpos frios, todos reconhecerão o que está a acontecer, e dirão “como foi possível?”. Sim, está a acontecer, está a ser denunciado nas ruas, praças, televisões, redes sociais, sabemos que está a acontecer, está a acontecer, sabemos como é possível estar a acontecer, não é inexplicável ou inesperado, é parte de uma visão de mundo, de uma estrutura que nunca saiu do lugar e se foi metamorfoseando, adaptando à passagem do tempo e à impossibilidade de permanecer igual fruto da reinvenção e criatividade de uma luta cumulativa e permanente. Mas teimamos em não querer perceber como essa estrutura opera e em fragmentar a realidade de modo a apresentar os cadáveres no fundo do Mar Mediterrâneo, os cadáveres em Gaza, os cadáveres que assombram as memórias de um Estado português negacionista da herança colonial e do racismo estrutural, os cadáveres na Cisjordânia, os cadáveres de indígenas, de pessoas negras, de pessoas trans e de mulheres, os cadáveres em Jerusalém Oriental, os cadáveres que caem ao ritmo de uma exploração e precariedade cada vez mais intensas, os cadáveres nos territórios ocupados em 1948 e muitos outros cadáveres como pertencentes a diferentes histórias e a uma outra história, a um passado, a um património de opressão cómoda que não convém tocar nem derrubar. Sim, é verdade, cada uma dessas histórias é específica, mas elas não são excecionais e partem todas dessa lógica de morte, despossessão, apropriação, extração, desumanização, acumulação, normatividade,

exploração, etc. Essa lógica tem nome, co-lo-ni-a-lis-mo! ca-pi-ta-lis-mo! cis-hetero-patriarcado! Ela funciona de modo articulado e tem na violência genocida uma ferramenta central, ontem e hoje, agora, neste preciso momento.

A Rafeef é filha da *Nakba*, como milhões de palestianas nasceu como refugiada, filha de refugiados, em Beirute, no Líbano. A partir da sua poesia falada e herdada ela denuncia o peso carregado por todas/os as/os palestianas/os. Como se não chegasse o peso do exílio, da permanente ausência, têm de explicar, justificar, contextualizar, voltar a explicar, voltar a explicar, voltar a explicar, “não condena o Hamas?”, voltar a explicar, voltar a explicar a sua catástrofe num ciclo interminável de massacres, expulsões, massacres, prisões, massacres, despossessões, massacres, humilhações, massacres, torturas, massacres, limpezas étnicas, “não condena o Hamas?”, massacres, massacres, massacres. Este ciclo de cobardia e violência de quem observa, enquadra e duvida é o mesmo ciclo da *Nakba*-em-curso que parece colocar as/os palestianas/os num presente, presente, presente, presente perpétuo marcado pela morte e pela despossessão. Lembro-me das palavras da Rafeef e volto a elas quando vejo companheiras/os palestianas/os na televisão a serem interrogadas/os, a serem colocadas/os no banco dos réus, como se devessem a um mundo virado do avesso uma explicação por estarem a ser exterminadas/os, enquanto, com o cu no sofá, ponderamos os argumentos a partir da nossa suposta neutralidade miseravelmente desumanizadora e cúmplice. Achamos que é legítimo alguém ter de se humanizar em direto sem nos perguntarmos o que aconteceu antes disso, achamos legítimo extrair a humanidade de (e a) alguém. Tudo se mercantiliza, a paz é abordada como um produto que se tem ou se deseja ter, os corpos são “(des)proporcionalmente” transacionados, a humanidade é vendida em direto em espaços onde existem aquelas vidas inteligíveis e identificáveis que contam e aquelas que são projetadas como entulho e excedente, danos colaterais misturados com os escombros de edifícios em ruínas. Estas apenas podem ser humanizadas como objeto de caridade, afinal estamos a fazer um favor a quem optou pela imperfeição de não assistir passivamente ao seu desaparecimento, recusando o caminho que decidimos prévia e unilateralmente ser o melhor para a redenção das suas almas.

Mas decidi traduzir o poema da Rafeef em solidariedade com as/os palestianas/os com quem tive o privilégio de acordar de manhã e partilhar vida! Recuso-me a aceitar que a sua história, catástrofe e existência possam voltar a ser negadas em direto.



*Montagem que apresenta desaparecimento de um ecrã com a imagem das crateras abertas pelo bombardeamento israelita do campo de refugiados de Jabalya, em Gaza (31 de outubro de 2023).
Fonte: Bruno Costa, 2023.*

Nós, as palestinianas, ensinamos vida!

Hoje, o meu corpo foi um massacre transmitido em direto.

Hoje, o meu corpo foi um massacre transmitido em direto
que teve de caber em frases feitas e limites de palavras.

Hoje, o meu corpo foi um massacre transmitido em direto
que teve de caber em frases feitas e limites de palavras,
preenchido com suficientes estatísticas para enfrentar o argumento ponderado.

E eu aperfeiçoei o meu português,
e eu aprendi as minhas resoluções da ONU,

Mas mesmo assim ele perguntou-me:
Senhora Zidah,
não acha que tudo ficaria resolvido
se simplesmente parassem de ensinar tanto ódio às vossas crianças.

pausa.

Procuro dentro mim por força, por ser paciente,
mas a paciência não me está na ponta da língua
enquanto as bombas caem sobre Gaza

a paciência simplesmente escapou-se-me.

pausa.

sorriso.

Nós ensinamos vida, pá!

Rafeef, lembra-te de sorrir.

pausa.

Nós ensinamos vida, pá!

Nós, as palestinianas, ensinamos vida depois deles terem ocupado o último céu,

Nós ensinamos vida, depois deles terem construído os seus colonatos,

os seus muros do *apartheid*,

depois dos últimos céus,

Nós ensinamos vida, pá!

Mas hoje, o meu corpo foi um massacre transmitido em direto
feito para caber em frases feitas e limites de palavras.

: Dê-nos apenas uma história, uma história humana

sabe, isto não é político

nós só queremos contar às pessoas sobre você e o seu povo

então, dê-nos uma história humana

mas não mencione aquelas palavras, *apartheid* e ocupação

isto não é político

tem de me ajudar como jornalista,

a ajudá-la a contar a sua história

que não é uma história política!

Hoje, o meu corpo foi um massacre transmitido em direto.

: E que tal dar-nos a história de uma mulher em Gaza que precisa de medicamentos
e que tal você? tem suficientes membros com os ossos partidos para cobrir o sol?
entregue-me os seus mortos e dê-me a lista com os seus nomes em 1200 palavras.

Hoje, o meu corpo foi um massacre transmitido em direto
feito para caber em frases feitas e limites de palavras
e comover aqueles que são insensíveis a sangue terrorista.

mas eles lamentam muito,
lamentam muito pelo gado sobre Gaza

então eu dou-lhes resoluções da ONU
e estatísticas
e nós condenamos
e nós deploramos
e nós rejeitamos
e estes não são dois lados equiparáveis: ocupante e ocupado.

e 100 mortos, 200 mortos, e 1000 mortos
e entre crime de guerra e massacre fico sem palavras.

e sorrio, “não exótica”,
sorrio, “não terrorista”,
e conto e volto a contar
100 mortos, 200 mortos, 1000 mortos.

está alguém aí fora?
irá alguém ouvir?

Eu queria poder gemer sobre os seus corpos.
Eu queria apenas poder correr descalça em cada campo de refugiados
e segurar cada criança
cobrir os seus ouvidos
para que não tivessem de ouvir o som de bombardeamentos para o resto das suas vidas
tal como eu oiço.

Hoje, o meu corpo foi um massacre transmitido em direto
e deixa-me apenas dizer-te
que as tuas resoluções da ONU nunca fizeram nada em relação a isto.

e nenhuma frase feita,
nenhuma frase feita que eu possa apresentar
não importa quão bom fique o meu português

nenhuma frase feita
nenhuma frase feita
nenhuma frase feita
nenhuma frase feita os trará de volta à vida!

nenhuma frase feita vai concertar isto!

Nós ensinamos vida, pá!
Nós ensinamos vida, pá!
Nós, as palestinianas, acordamos todas as manhãs para ensinar ao resto do mundo
vida, pá!

Poema: Rafeef Ziadah

Introdução e versão: Bruno Costa (CES)



Bruno Costa é Doutorando do Programa Pós-Colonialismos e Cidadania Global (financiado pela FCT desde outubro de 2019 e com trabalho de campo realizado entre setembro e dezembro de 2022 na Universidade de Birzeit, Palestina), coordenado pelo Centro de Estudos Sociais em parceria com a Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.



Conteúdos originais licenciados CC BY-SA 4.0 | conteúdos não identificado como original licenciados de acordo com a fonte.

Contenidos originales licencia CC BY-SA 4.0 | contenidos no identificado como original licenciados según la fuente.

Original contents licesed CC BY-SA 4.0 | contents not identified as original licensed according to the source.



pt Reflexão Original Anti-Colonialismo

Falar com quem e sobre o quê? Ghassan Kanafani entrevistado por Richard Carleton, *ABC News* Austrália (1970)

AN Original

2023-11-05

Por Bruno Costa

Em 1970, a partir do seu exílio em Beirute, Ghassan Kanafani –uma das lideranças da FPLP (Frente Popular Para a Libertação da Palestina, 1967), partido político integrante da OLP (Organização Para a Libertação da Palestina, 1964), foi assassinado em 1972, aos 36 anos, pela Mossad (serviços de inteligência israelitas)– concedeu uma das raras entrevistas em inglês ao jornalista australiano Richard Carleton, da *ABC News* Austrália. A análise certa e concisa feita pelo intelectual e ativista político palestino sobre as causas e consequências do projeto colonial sionista (parte de um projeto imperialista mais amplo), mas também sobre as condições de possibilidade e enquadramento da luta pela libertação levada a cabo pelas/os palestinianas/os desde o seu exílio forçado, inspiraram e continuam a inspirar ativistas em todo o mundo. Carleton apresenta uma visão de mundo que naturaliza (de forma quase caricatural) a narrativa hegemónica representada pelo seu lugar de enunciação (masculino, descendente de europeus que colonizaram o território hoje conhecido como Austrália, representante de uma empresa de comunicação que abraça uma visão orientalista das/os as/os palestinianas/os a partir de uma perspectiva civilizacional que legitima o projeto sionista na e para a região), enquanto Kanafani a desconstrói, ponto por ponto, perturbando o lugar de quem observa com suposta neutralidade e objetividade e recusando ser objeto dessa análise e representação. O texto que se segue é uma transcrição/tradução livre levada a cabo por Bruno Costa a partir do conteúdo oral da entrevista (disponível [online](#)).

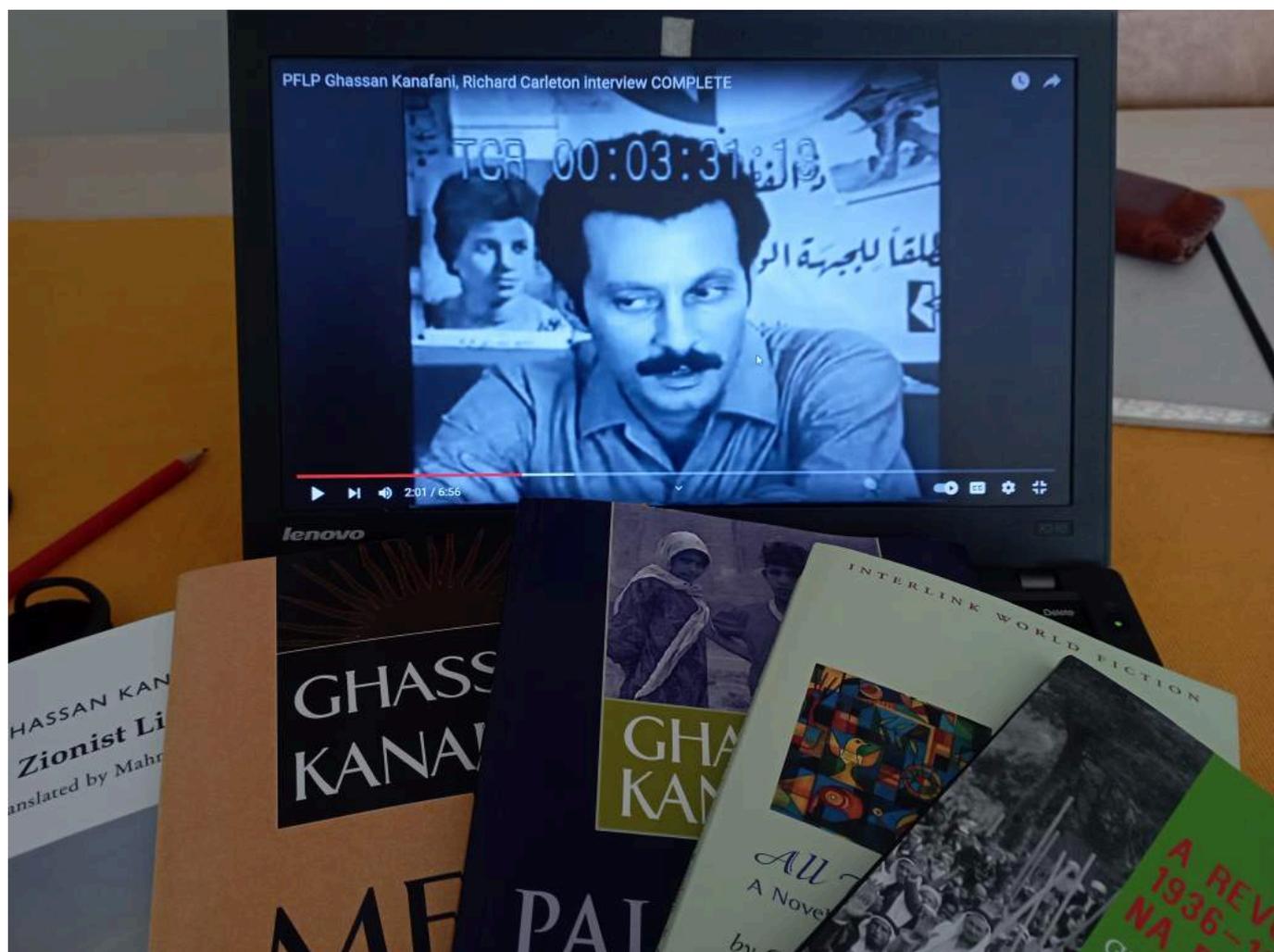


Imagem com frame da entrevista e publicações de Ghassan Kanafani traduzidas para inglês e português. Fonte: Bruno Costa (2023)

Richard Carleton (prelúdio): Beirute é a mais ocidentalizada de todas as capitais árabes. As marcas do período colonial francês na cidade são tão evidentes como na região do Quebec [Canadá]. Segundo a descrição dos franceses, Beirute era um paraíso turístico mediterrâneo e ainda podemos encontrar alguns vestígios desse esplendor de um passado que desaparece lentamente. Mas, da mesma forma que a turbulência no Médio Oriente afasta os turistas, também prejudica os negócios – especialmente o setor bancário, que fez de Beirute a capital financeira da região. Agora, o exército libanês tem tanques e carros blindados permanentemente estacionados em frente às agências bancárias da capital. No lugar do pequeno setor empresarial de Beirute, desenvolveu-se um “novo negócio”, o da revolução palestina. Os guerrilheiros palestinos em Beirute não operam nas mesmas condições dos vietcongues. Aqui eles não são, de forma alguma, ilegais, operam de forma totalmente legitimada. Na rua principal de Beirute, a guerrilha de maior expressão tem à sua disposição um edifício de escritórios com três andares. Um edifício tão moderno como qualquer outro em Sydney, mas os guerrilheiros armados, de guarda com metralhadoras, não nos deixaram tirar fotos e nós não argumentamos. Dos onze movimentos de guerrilha palestinos, o mais radical de todos é a Frente Popular para a Libertação da Palestina, a FPLP. A Frente Popular está hoje tão bem organizada, que tem até o seu próprio jornal, com uma tiragem diária estimada de 23.000 exemplares. Foi a Frente Popular que desviou e fez explodir três jatos no Aeroporto da Revolução, no deserto da Jordânia, e foi a Frente Popular que dinamitou

o [avião] *jumbo da PAN AM* no Cairo. O líder da Frente Popular em Beirute é Ghassan Kanafani. Kanafani nasceu na Palestina, mas “fugiu” [foi expulso] em 1948 do [pelo] terror sionista, como ele refere. Desde então tem planejado a destruição tanto dos sionistas como dos [governos] árabes reacionários.

Ghassan Kanafani: O que eu sei, o que eu realmente sei, é que a história do mundo foi sempre a história de pessoas que são oprimidas e que lutam contra os seus opressores, de pessoas oprimidas que abraçam uma causa justa e que lutam contra opressores que usam a sua força para as explorar.

RC: Vejamos os combates que têm ocorrido na Jordânia nas últimas semanas. É [também] a organização de que faz parte que tem travado esses combates. O que alcançaram com isso?

GK: Algo importante é que temos uma causa para lutar. Isso é muito. Este povo, o povo palestino, prefere morrer em pé a perder a sua causa. Conseguimos provar que o rei [Hussein, da Jordânia] está errado. Conseguimos provar que esta nação [palestina] continuará a lutar até à vitória. Conseguimos demonstrar que o nosso povo nunca será derrotado. Conseguimos ensinar a cada pessoa deste mundo que somos uma pequena, mas corajosa nação, uma nação que vai lutar até à última gota de sangue para conseguir a justiça que o mundo nos falhou em dar. Isto foi o que conseguimos.

RC: Parece-me que a guerra civil foi bastante infrutífera.

GK: Não é uma guerra civil, é um povo a defender-se contra um governo fascista, um governo que vocês [no Ocidente] defendem porque apenas o rei Hussein [da Jordânia] tem um passaporte árabe. Não é uma guerra civil!

RC: Ou então um conflito.

GK: Não é um conflito! É um movimento de libertação que luta por justiça.

RC: Bem, é indiferente.

GK: Não é indiferente porque é aqui que começa o problema! Porque é daí que partem todas as suas perguntas, o problema começa exatamente aí. Este é um povo discriminado que luta pelos seus direitos. Esta é a história! Se você disser que se trata de uma guerra civil, então todas as suas perguntas serão justificadas a partir desse ponto. Se você disser que é um conflito, então é claro que todos ficarão surpreendidos quando souberem o que está a acontecer.

RC: Porque é que a sua organização não se envolve em conversações de paz com os israelitas?

GK: Você não quer dizer exatamente negociações de paz, mas capitulação ou rendição.

RC: Porque não simplesmente conversar?

GK: Conversar com quem?

RC: Com os líderes israelitas.

GK: Está a sugerir um tipo de conversa entre a espada e o pescoço.

RC: Bem, se não houver espadas nem armas na sala, você poderá conversar.

GK: Não. Eu nunca vi qualquer conversa entre um projeto colonial e um movimento de libertação nacional.

RC: Mas apesar disso, por que não conversar?

GK: Conversar sobre o quê?

RC: Sobre a possibilidade de não lutar.

GK: Não lutar pelo quê?

RC: Não lutar de todo, não importa o motivo.

GK: As pessoas geralmente lutam por alguma coisa e param de lutar por alguma coisa, mas você não me consegue nem dizer sobre o que deveríamos conversar ou porque deveríamos parar de lutar!

RC: Conversar para parar de lutar, para parar a morte e a miséria, a destruição e a dor.

GK: A miséria, a destruição, a dor e a morte de quem?

RC: Dos palestinos, dos israelitas, dos árabes.

GK: Do povo palestino, que foi desenraizado, atirado para os campos de refugiados, que vive à fome, que é assassinado há [mais de] vinte anos e que é proibido de usar até mesmo o nome de palestino?

RC: Melhor assim do que morto.

GK: Talvez para si. Mas para nós não é. Para nós, libertar o nosso país, ter dignidade, ter respeito, ver consagrados os nossos direitos, é algo tão essencial como a própria vida.

RC: Chama o rei Hussein [da Jordânia] de fascista. A quem mais entre os líderes árabes se opõe totalmente?

GK: Diferenciamos entre dois tipos de governos árabes. Aqueles a que chamamos de reacionários e que estão completamente ligados ao projeto imperialista [ocidental], como o governo do rei Hussein [da Jordânia], como o governo da Arábia Saudita, como o governo marroquino, como o governo tunisino... e depois temos outros a que chamamos governos militares de caráter pequeno-burguês, como o governo da Síria, do Iraque, do Egito, da Argélia, etc.

RC: Para encerrar queria falar sobre o sequestro do avião. Hoje você considera que foi um erro?

GK: Não cometemos um erro ao sequestrá-lo. Foi uma das coisas mais corretas que já fizemos.

Recomendações de leitura:

Kanafani, Ghassan. *All that's left to you: a novella and short stories*. Traduzido por May Jayyusi e Jeremy Reed. Northampton: Interlink Books, 2004.

— — —. *Men in the sun & other Palestinian stories*. Traduzido por Hilary Kilpatrick. Boulder: Lynne Rienner, 1999.

— — —. «On the PFLP and the September Crisis». *New Left Review*, n.o 1/67 (1 de junho de 1971): 50–57.

— — —. *On Zionist Literature*. Traduzido por Maḥmoud Najib. Oxford: Ebb Books, 2022.

— — —. *Palestine's children: Returning to Haifa and other stories*. Traduzido por Barbara Harlow e Karen E. Riley. Boulder: Lynne Rienner Publishers, 2000.

— — —. «Resistance Literature in Occupied Palestine». *Afro Asia Writings* 1, n.o 2/3 (1968): 65–79.

— — —. *The 1936-39 Revolt in Palestine*. London: Tricontinental Society, 1980.

— — —. «Thoughts on Change and the “Blind Language”/ «أفكار عن التغيير و “اللغة العمياء»». Traduzido por Barbara Harlow e Nejd Yaziji. *Alif: Journal of Comparative Poetics*, n.o 10 (1990): 137–57.

Entrevistador: Richard Carleton (ABC News Austrália)

Entrevistado: Ghassan Kanafani (FPLP)

Introdução e tradução: Bruno Costa (CES)



Bruno Costa é Doutorando do Programa Pós-Colonialismos e Cidadania Global (financiado pela FCT desde outubro de 2019 e com trabalho de campo realizado entre setembro e dezembro de 2022 na Universidade de Birzeit, Palestina), coordenado pelo Centro de Estudos Sociais em parceria com a Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.



**EPISTEMOLOGIAS
DO SUL**



ces

Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra



Conteúdos originais licenciados CC BY-SA 4.0 | conteúdos não identificado como original licenciados de acordo com a fonte.

Contenidos originales licencia CC BY-SA 4.0 | contenidos no identificado como original licenciados según la fuente.
Original contents licesed CC BY-SA 4.0 | contents not identified as original licensed according to the source.



pt Notícias Original Anti-Capitalismo Anti-Colonialismo

A cidade desigual

AN Original

2023-11-01

Por Rafael dos Santos da Silva

A cidade é o local onde ocorre as trocas sociais, comerciais e culturais. É por isso o lugar da mistura, espaço por excelência da chamada “questão social”. Nesse cenário marcado por relações diretas entre a produção espacial e reprodução econômica capitalista, a cidade redesenha o espaço urbano. Como resultado, a história tem registrado profundas perdas de convivência, sociabilidade e até de identidade, cujo ápice pode ser traduzido pela desterritorialização. Em uma palavra: a desigualdade, e nela tudo que conhecemos por injustiça. Importa recordar as palavras do Indiano Amartya Sen em seu livro A Ideia de Justiça a nos lembrar que “o que nos move é a sensação da existência de injustiças claramente remediáveis” para ele a busca por justiça é iniciada “pela percepção assimétrica da injustiça.”

Nesse sentido, o espaço desterritorializado, injusto, e por isso desigual, não permite enfrentar a pobreza pela cidadania. Elemento que vai levar a professora da USP Vera da Silva Telles observar que “o enigma da pobreza está intimamente implicado no modo como os direitos são negados na trama das relações sociais” o que subescreve o problema a dimensão da “incivilidade” como “marca de inferioridade, modo de ser que descredencia o indivíduo para o exercício de seus direitos.”

Portanto, o espaço e a pobreza são, simultaneamente, produtor e resultado da dinâmica da negação ao acesso da cidade. Tal efeito modifica a relação do cidadão com a ecologia, com a mobilidade, com o trabalho e, conseqüentemente, com a distribuição da riqueza, que, quando muito, se vê reduzida a mera distribuição de renda.

É exatamente nesse particular que ocorre o debate em torno da desigualdade ao assumir a narrativa dialética entre inclusão e exclusão; pobreza e democracia; cidadania e envolvimento político. Tais elementos estão presentes nas observações que compõem a dimensão espaço-tempo enquanto categoria de análise da cidade. Aqui se abre o sagrado debate do “direito à

cidade” que segundo a perspectiva sociológica, emerge na possibilidade do ser humano tomar posse do seu destino, ou seja, revolucionar o espaço da cidade. Logo, o direito a cidade, ocorre na concretização do fazer e refazer o meio em que o indivíduo está inserido, como a maior expressão de cidadania.

É neste sentido que reflito uma pequena realidade da cidade em minha volta ao observar seus movimentos a partir da varanda de minha casa. Intempestivamente vejo duas cidades constitutivas da sociedade cearense, absolutamente desigual e segregada.

Na parte da frente, a minha varanda me faz ver o maior parque urbano da América Latina. Trata-se do Parque do Cocó que nos últimos anos atraiu boa parte da elite econômica para suas margens. Do outro lado, olhando da parte de trás, vejo casas simples, apinhadas e muitas vezes inacabadas. Seus moradores acessam ruas estreitas, quase sempre visitadas pela polícia. Acho pouco provável que ali haja saneamento básico. Os fios da companhia elétrica se confundem com os telhados desalinhados, e o metro por pouco não corta suas calçadas.

Volto avistar minha varanda, onde os ventos do belo parque me acariciam a face. Ao lado, há um bonito mercado de varejo. Ornamentado com belas plantas. Há também um bistrô onde se toma um bom café. Estudantes cruzam com segurança a avenida. Eles estão vindos de uma importante escola da cidade e devem fazer suas refeições num self-service caríssimo. Sob essa visão, chego a concluir que a urbanidade em seu conceito moderno, atingiu seu grau máximo. Há poucos metros está um garoto, de não mais que 12 anos a trabalhar horas a fio, trocando sua infância por trabalho forçado, numa tentativa de sobreviver. Essas duas realidades, de exclusão social e opulência, marcam a cidade desigual. Para o notável professor reformado da Universidade de Coimbra Carlos Fortuna é justamente nesse cenário que “os pobres e excluídos são expressões de um impiedoso mecanismo político, marcado por um indizível processo de segregação, e completa destituição de cidadania” Estamos diante de uma sociedade aristocrática construída por miseráveis e pobres de um lado, e do outro habitado e manipulado por questionáveis “cidadãos de bem”. Ou seja, uma sociedade de economia colonial.

Este tipo de economia está na origem da economia da opulência, que ao ser contrastada com a economia da pobreza faz emergir toda sorte de violência política e social que condena hoje a mais de 80% da sociedade cearense a conviver algum tipo de vulnerabilidade alimentar. Não estou esperançoso quanto a divulgação do próximo IDH por bairros. Mas o último, divulgado em 2012 pela Prefeitura de Fortaleza, revela um verdadeiro Apartheid social. Os bairros do Conjunto Palmeiras e o de Lourdes, são duas realidades que obrigam seus habitantes a conviver com a violência e com a opulência. O primeiro, registrou uma dinâmica social em que podemos comparar com aquela encontrada em Serra Leoa, enquanto o segundo equiparou-se a uma realidade norueguesa. Isso mesmo! Em Fortaleza, há realidades sociais africanas e europeias a conviver no mesmo espaço geográfico. Essas duas realidades não dialogam, a pesar de estarem a menos de 10 km em linha reta. São incapazes de traçar projetos comuns, tão pouco participam do mesmo pacto social. Pelo contrário, elas competem entre si. Um lado caça, enquanto o outro é a caça!

Quando o território com baixo IDH é a caça, ele se estabelece na zona da desigualdade. A violência passa a ser o método a representar o dia-a-dia daquela gente. A economia da violência

impera um *modus operandi* inviável. Os corpos negros de jovens são condenados diariamente à morte. A vida é mediada pelo medo. Quando os jovens escapam, restam-lhe a prostituição ou o tráfico. Um território de guerra se ergue revelando os “matáveis” que ora veste farda, ora não veste nada.

Quando este território é o caçador, então os índices da violência urbana vão as alturas. Roubos, furtos, latrocínios não param de ser registrados. Nas duas circunstâncias, é a disputa da cidade que se arrasta num jogo desigual e combinado. Combinado com os novos coronéis econômicos, que brincam de ser caçador, sem nunca admitir ser a caça.

Os coronéis da grana são caçadores quando a disparidade da infraestrutura que observo da minha janela não muda de perspectiva. De um lado há opulência. Do outro há negação. Aqui, a paz e a tranquilidade de ruas limpas e seguras. Ali, o intermitente da viatura policial, eternamente ligada, está sempre a lembrar o constante peso da vigilância e do controle. Quando o coronelismo é o caçador, resta a caça as migalhas de algum sinal de trânsito. Quando os coronéis caçam, os caçados se obrigam a pedir quando sempre, ou a tomar quando possível. A caça dos coronéis desacredita das regras de convivência social. A caça dos excluídos é a própria descrença. Nesse ambiente, enquanto os coronéis caçadores são legitimados, suas caças, são ridicularizadas e criminalizadas. Nesse cenário, a voz de uma criança no sinal é sufocada pelo barulho do helicóptero a pousar na sacada do prédio que leva o oportunista travestido de empresário para seu banquete diário.

Por fim, não existe metáfora que resista a boa reflexão. Falo da capital do Ceará, mas certamente está é uma realidade brasileira *(des)envolvida*. Espero com sinceridade ser capaz de internalizar as palavras de Amartya Sen que abre minha reflexão para quem “a busca por justiça é iniciada, quando se estabelece a percepção da injustiça.”
Certamente estaremos aí a enfrentar a cidade desigual.



Conteúdos originais licenciados CC BY-SA 4.0 | conteúdos não identificados como original licenciados de acordo com a fonte.

Contenidos originales licencia CC BY-SA 4.0 | contenidos no identificados como original licenciados según la fuente.
Original contents licensed CC BY-SA 4.0 | contents not identified as original licensed according to the source.

Identity and the role of female populist leaders in modulating narrative emotions

AN Original - UNPOP Series

2023-10-30

By Maria Izabel Braga Weber, Débora Boa Morte, Carolina Branco

“I believe we are the only party in Germany who is really fighting for women’s rights ...” ([Alice Weidel, Germany](#))

“...in favor of the natural family and against the gay lobby” ([Giorgia Meloni, Italy](#))

“Infections occur especially in the southern districts, ..., due to the way of life that our immigration has and the density of those districts.” ([Isabel Diaz Ayuso, Spain](#))

Feminists and progressives have a habit of ignoring Islam’s female victims, preferring to focus on phantom reports of Islamophobia in the West” ([Safai, Belgium](#))



Elaboration by the aturhos based on: Isabel Diaz Ayuso: <https://youtu.be/p0QDAKWukJ4?feature=shared>

(Un Madrid Libre y una España unida. ¡Gracias Fuenlabrada!); Alice Weidel: <https://youtu.be/D2JUrz839i8?feature=shared> (Die 5 schlimmsten Asyl-Bestimmungen! - Alice Weidel – AfD); Marie Le Pen: <https://youtu.be/ANDvtGBGQD0?feature=shared> (La lutte contre l'hydre islamiste, en Israël ou en France, est un enjeu majeur !); Giorgia Meloni: <https://youtu.be/o-3-IN3bA9w?feature=shared> (Extraordinary speech by Giorgia Meloni on UN Global Compact in Italian parliament, English subtitles).

The year 2023 is significant for female political representation, as it is the first time in history that women parliamentarians have been elected in every country where elections were held. Undoubted progress since studies and research demonstrate that female representation in politics seems to strengthen democratic values and be more effective and beneficial to all. Strong evidence exists of the association between female political empowerment and improvement in general health conditions. Regardless of the numerical presence in parliament, other structural obstacles (social, political, and economic) still undermine women's influence in decision-making positions, such as the feminization of poverty and unemployment, the 'dual burden', and masculinist stereotypes, among other structural and violent barriers accrued exactly from power asymmetries.

However, women's political participation rhetoric overshadows the reduction of gender inequalities (labor, education, health, economic, and political). As stated in the Manifesto of the AfD, pro-women narratives are contradicted by ambiguous policies: "...we reject a gender equality policy with regard to equality of results".

A decade back, Petö already raised this awareness by highlighting the underestimated attention to the rise of populist female leaders of far-right parties since a myriad of aspects stand tangled in it. At first, the colonial legacy of far-right-wing ideology is based on the exclusionary essence of the capitalist system that is always both raced and gendered. Secondly, the symbolic presence of female leaders drives a distorted populist far-right feminist discourse that evokes a production of subjectivities to justify segregation. Finally, the emotional roots of far-right ideology pervade its feminist appeal and affect identity and solidarity bonds.

The paradox of women voting against women's interests contradicts previous studies. In general, especially in advanced democracies, women vote, promote, and approve more progressive and inclusive policies. Young women tend to position themselves more to the left (associated with increased budgetary expenditures) than young men on social, environmental, and gender issues, contrary to the previous generation. Similarly, women tend to vote more to the left when they have daughters (sons lead to vote for the right) and are more likely to transfer this tendency to their offspring. Secondly, there is a gender, generational, and racialized pattern of supporters for far-right parties (mainly associated with white men or low-educated people) and the role of partisan ideology in promoting more inclusive policies.

Although still more women than men are voting to the left, this frame is changing, and recent studies have elaborated on the successful far-right parties' strategies to conquer women's votes. The vote for the radical right populist parties (RRP) in Europe (i.e., in the last elections of Spain, Germany, and Greece) reflects it.

But contrary to what Motov sustains, populism is not necessarily always gendered and dangerous. The problem is the RRP paradox of claiming to be a solution to an issue they worsen. Some RRP leaders perform narratives that pose a threat to democracy under an ultraconservative (sometimes associated with religious fundamentalism), authoritarian nationalism, and exclusionary neoliberalism.

Misuse of the term populism has negative consequences and considering populism as a weak ideology underestimates the effort necessary to its limitation. Reducing populism to a political strategy regardless of its ideological content leads to the disvalue of the (un)democratic potential of different parties. Regarding the exclusionary outcomes promoted, they may be distinguished by how they make people

feel "what" and "where" are the political threats. In general, populist parties combine vertical (anti-elitism) and horizontal differentiation (us-them). On the one hand, RRP personalizes the horizontal threat with othering processes of migrants, LGBTQI+ people, or other minorities seen as not belonging (good citizens-marginals). On the other hand, for left populists, the threat is not personalized but generalized under a social and economic problem (globalists, transnational corporations, ultrawealthy that didn't pay taxes, imperialism).

How can the emergence of women leaders worsening women's condition be explained in this scenario? The triad identity-subjectivity-solidarity provides an answer. Previous UNPOP articles partially analyzed this triad. Montecchio and Griffini unpacked the femonationalism of Marie Le Pen, and Indelicato showed how femonationalism menaces gender-based solidarity.

Anti-feminist and anti-immigrant banners are typical examples of this femonationalism and the anti-feminist agenda. Based on chauvinistic myths as the core of the affective-discursive practice, femonationalist leaders synthesize distorted concepts of women's freedom and rights under false equivalence joined with othering processes. The prohibition of headscarves for Muslim women is narrated against men's oppression, concealing the Islamophobic reason. Muslim men are narrated as violent and a threat to women in general.

These examples show the relevance of identity and belonging to outline the extent to which a policy for women is feminist and emancipatory. Subjectivity is instrumental in the identity formation of oppressed people. Feelings, language, symbols, signs, and discourse are intermingled in this subject-formation process. Collective emotions of shame conduced once to the emergence of fascism and national socialism, and it has been considered the essence of this century.

Thus, interdisciplinary approaches to populism must consider the social theory of identity and emotions. This helps to explain how political identities are created and operate at an individual and social level, how psychological attachment to a political group is created and sustained, and how political identities are politicized by actors capable of developing an emotional political narrative. Through the symbolic synthesis of political myths that motivate positive or negative – but constantly mobilizing – emotions, these actors promote a sense of belonging. They shape the distinction between groups and the identification process of the individuals themselves and about the others. Performativity is also fundamental in the populist narrative as it mobilizes emotions. Protection is an example, as it mobilizes maternity, security, and women's empowerment concerns.

Femonationalist arguments can be effective during unresolved and prolonged economic crises within Neoliberalism. A low unemployment rate, precarious work, and social insecurity may constitute a threat to vulnerable groups (women, migrants) more exposed to precarious work conditions, amplifying suffering (anxiety, insecurity, and uncertainty). Historical marginalization coupled with a crisis can facilitate women's disenchantment and discontent with traditional politics.

Populist narratives based on groups of emotions of fear and anger (such as frustration, shame, resentment, and guilt) influence the process between identity and political choices – frustration about not having a better job is added to the shame of not being able to sustain one own family. Defense mechanisms, such as denying or projecting, reflect on their political choice, generated by anger and resentment toward those deemed responsible (politicians, immigrants).

Female populist leaders representing successfully empowered women have become providential to the RRP previously described as Männerparteien. A female leader defending restriction of welfare (to migrants) and redistributive policies under an instrumental fight for women's rights becomes appellative for marginalized and resented women, as shown by recent filmography. However, these policies propose ethnocentric, patriarchal, and exclusionary policies that are prejudicial for all, as observed during the COVID-19 pandemic.

Caiani and Rosa analyzed the rhetoric of the foremost European female leaders. Nevertheless, electing women and their femonationalist discourse, disregarding their ideological affiliation, needs to be unpacked. We must go beyond the aim of reducing the gender gap in political representation. Alongside Le Pen (France), Weidel (Germany), and Meloni (Italy), all leaders under this rhetoric, such as Safai (Belgium) or Ayuso (Spain), have to be included. Manipulating shame can be a misogynous politics since silencing women under exclusionary politics and conservative values. This distorts the construction of identity and reinforces patriarchy and exclusion, limiting solidarity.



**EPISTEMOLOGIAS
DO SUL**



CES

Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra



Organização
dos Serviços Universitários
de Educação,
e Ciências e Cultura

Universidade de
Coimbra - Alta e Sã
Medida na Liga do Património
Mundial em 2019



Conteúdos originais licenciados CC BY-SA 4.0 | conteúdos não identificado como original licenciados de acordo com a fonte.

Contenidos originales licencia CC BY-SA 4.0 | contenidos no identificado como original licenciados según la fuente.

Original contents licesed CC BY-SA 4.0 | contents not identified as original licensed according to the source.

Not a Number: Mahmoud Alnaouq

AN Original

2023-10-28

Por Daniela Jorge

Os palestinianos estão a ser sujeitos a uma violência genocida. E todos estamos a ver.

Em Gaza, milhares de pessoas foram mortas, dezenas de milhares estão feridas. Mais de um milhão deslocados, muitos a ser refugiados pela segunda vez. Hospitais, escolas, universidades, padarias, igrejas e mesquitas estão a ser bombardeados. Médicos, professores, jornalistas, bombeiros e equipas de proteção civil estão a ser atingidos. Israel promete intensificar estes ataques. Na Cisjordânia, os palestinianos continuam a ser confrontados com violência dos colonos (700,000+ na Cisjordânia) e incursões militares. Mais de 90 pessoas foram mortas e 1000+ detidas. Na Europa e na América do Norte, os que expressam solidariedade com a luta pela liberdade da Palestina, estão a ser intimidados pelas autoridades de imigração, ameaçados com deportação, e correm o risco de serem detidos, entre outras medidas que procuram silenciar estas manifestações.



@AlnaouqA, X, Mahmoud Alnaouq num campo montanhoso, local desconhecido, 23 Outubro, 18h25,

<https://x.com/AlnaouqA/status/1716506017247174658?s=20>.

O seguinte texto foi escrito pelo tradutor e escritor palestino Mahmoud Alnaouq, membro do coletivo We Are Not Numbers (Nós não somos números). Este coletivo resiste a redução da existência palestina a números e estatísticas. We Are Not Numbers publica sobre as vidas, histórias, ambições, sonhos, esperanças e experiências do povo palestino.

Mahmoud é irmão de um dos fundadores do We Are Not Numbers, Ahmed Alnaouq. Mahmoud e Ahmed perderam um irmão devido aos bombardeamentos israelitas em 2014 e a mãe morreu em 2020 depois de Israel ter recusado autorizá-la a sair de Gaza para receber os cuidados médicos que necessitava para sobreviver.

Dia 22 de outubro, Ahmed compartilhou que o seu pai (Nasri), dois irmãos (Muhammed e Mahmoud), três irmãs (Walaa, Alaa e Aya) e muitos sobrinhos (Bakr, Basma, Omar Raghad, Islam, Sara, Abdullah, Dima, Tala, Nour, Nasma, Tamim e Malak) - todos com menos de 15 anos de idade - foram mortos enquanto dormiam.



Picture 2 @AlnaouqA, X, irmãos, irma, pai e sobrinhas do Ahmed Alnaouq, 23 Outubro, 8h45.
<https://twitter.com/AlnaouqA/status/1716360157645414815?s=20>

O Ahmed publicou esta fotografia recente da sua irmã, dois irmãos, pai e sobrinhas - todos morreram. Mahmoud está à direita, com uma camisa azul-cinza. Tinha 25 anos. Ele devia estar vivo.

Este texto faz parte de uma série de publicações de textos traduzidos para português sobre a Palestina e palestinos. As hiperligações dos textos originais estão disponíveis no título de cada texto.

Uma História: O Custo do Protesto

Mahmoud Alnaouq
18 Dezembro 2018

Logo de manhã cedo, quando ia para a universidade, costumava ver Yaser Alaklouk no seu caminho ao trabalho, vestido com a sua farda de trabalho e com uma pá na mão. Caminhávamos juntos até ao fim da rua, conversávamos sobre os meus estudos e o seu trabalho, sobre os meus pais e os seus filhos. No fim da rua, cada um de nós seguia o seu próprio caminho, desejando boa sorte um ao outro, conforme é costume na Gaza.

Yaser tinha uma vida difícil, o que se reflectia no seu rosto. Desde que terminou o liceu, tinha trabalhado como agricultor ou nas obras - em qualquer sítio que conseguia arranjar emprego. Aos 34 anos, parecia que tinha mais de 55; cabelos brancos cresciam entre o seu cabelo preto, com rugas profundas no seu rosto.

Notícias

Há cerca de cinco meses, um dos nossos vizinhos disse-me que o Yaser estava no hospital em estado grave. Senti-me tão chocado que fiquei sem palavras. Disseram-me que Yaser tinha sido baleado durante a sua participação na [Great March of Return](#) (Grande Marcha do Retorno). Ele ficou com a perna esquerda ferida por uma daquelas balas explosivas de que temos ouvido falar e as quais nos metem medo.

A notícia espalhou-se rapidamente pelo nosso bairro na rua Abd Alkareem Alaklouk, em Deir ah-Balah, situada no centro da Faixa de Gaza. Todos começaram a rezar por ele. Os seus familiares, vizinhos e amigos encheram o hospital, todos querendo mostrar apoio a ele e à sua família.

Yaser ficou internado no hospital durante três semanas até ter alta. Pensei que o pior já tinha passado, mas estava enganado. Os vizinhos contaram-me que todas as noites despertavam com o som dos seus gritos de dor. Eu sabia que tinha de o visitar. Ele ficou muito contente por me ver e por partilhar a sua história.

Porquê protestar?

Yaser, a mulher e os quatro filhos (dos 5 aos 15 anos) participaram no protesto que se realizou a leste do campo de refugiados de al-Bureij, todas as sextas-feiras, desde que começou - 30 de março. Al-Bureij, que também fica na zona central de Gaza, é uma das cinco zonas que "acolhem" a Grande Marcha do Retorno. Sempre que ia à manifestação, via Yaser lá ou no autocarro que transportava as pessoas para o protesto.

Disse-me que a única coisa que realmente queria na vida era ter uma vida decente para a sua família e ver os seus filhos crescerem em segurança. E esperava que, se a Grande Marcha do Retorno continuasse, Israel pudesse ser forçado a levantar o bloqueio imposto a Gaza.

Yaser e o filho mais velho costumavam sentar-se numa pequena subida perto da frente da manifestação, a ver os jovens atirarem pedras aos soldados e as crianças abanarem as suas bandeiras. A mulher do Yaser e os outros três filhos não quiseram correr riscos, por isso ficavam na tenda das mulheres, atrás de um monte de areia.

No dia 27 de abril, a 5ª sexta-feira da marcha, não foi diferente de qualquer outra "sexta-feira de protesto". Os manifestantes que tinham sido baleados nos dias anteriores apareceram na mesma com ligaduras e de muletas. Os vendedores estavam lá também; nunca faltaram a uma única sexta-feira, satisfeitos com a possibilidade de ganhar algum dinheiro com a venda de gelados, latas de refrigerantes e frutos secos. Canções patrióticas tocavam vivamente das colunas. Essas canções nunca envelhecem, embora as pessoas as tenham ouvido milhares de vezes.

O momento em que a vida mudou

Essa sexta-feira acabou de uma forma diferente. Yaser estava sentado numa duna de areia, sonhava com o retorno à terra da sua família.

Nesse momento, uma explosão rebentou no ar, um som muito próximo. Inicialmente, Yaser pensou que era uma bomba de gás lacrimogéneo. "Tentei levantar-me, mas não consegui. Olhei para as minhas pernas e vi que a perna esquerda era um monte de carne rasgada e sangue..." Yaser contou-me, recordando o choque do momento.

Ele tinha sido atingido por um tipo de bala que explode dentro do corpo. Os ossos da perna ficaram desfeitos e a maior parte da perna foi pulverizada.

Um grupo de manifestantes carregou Yaser para uma ambulância que se encontrava perto. Chegou ao hospital local em Deir al-Balah, mas foi rapidamente transferido para a unidade de cuidados intensivos do Hospital al-Shifa na Cidade de Gaza, o maior centro médico da Faixa de Gaza.

Yaser precisou de 14,5 litros de sangue. Já foi submetido a duas cirurgias e ainda tem de fazer mais uma. Felizmente, livrou-se de ser amputado, mas nunca vai conseguir voltar a andar da mesma forma.

Yaser tentava esconder a sua dor e depressão, mas os seus olhos diziam-me tudo quando me contou que passou a depender da ajuda humanitária para sobreviver. Já não consegue trabalhar. E não é isso que Yaser, ou qualquer outro homem, quer para si e para a sua família.

"Arrependes-te de ter ido à marcha?" perguntei. "Não! Nunca." Ele respondeu com uma voz clara e forte. "Porque é que me havia de arrepender? Não fiz nada de errado. E continuo a ir à marcha todas as sextas-feiras."



**EPISTEMOLOGIAS
DO SUL**



Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra



Conteúdos originais licenciados CC BY-SA 4.0 | conteúdos não identificado como original licenciados de acordo com a fonte.
Contenidos originales licencia CC BY-SA 4.0 | contenidos no identificado como original licenciados según la fuente.
Original contents licesed CC BY-SA 4.0 | contents not identified as original licensed according to the source.